



Caracol

ISSN: 2178-1702

ISSN: 2317-9651

Universidade de São Paulo

Valente, Valdemar

Hedonismo e timidez Pedro Juan Gutiérrez. *Fabián e o caos*. Trad. Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016, 195 p.

Caracol, núm. 12, 2016, Julho-Dezembro, pp. 252-257

Universidade de São Paulo

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=583766752011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UABM redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

*Hedonismo e
timidez*

Pedro Juan
Gutiérrez. *Fabián
e o caos*. Trad.
Paulina Wacht
e Ari Roitman.
Rio de Janeiro:
Alfaguara, 2016,
195 p.

Valdemar Valente Júnior

Doutor em Ciência da Literatura
pela UFRJ e Pós-Doutorado
em Literatura Brasileira pela
UERJ. Professor Assistente da
Universidade Castelo Branco e
da Faculdade Paraíso. Autor de
*Entre a cidade e o campo: Mário
de Andrade e a Música Popular*.
Contato: valdemarvalente@gmail.
com

Recebido em: 11 de setembro de 2016

Aceito em: 19 de outubro de 2016

A narrativa de Pedro Juan Gutiérrez promove uma tomada de posição com relação ao socialismo cubano, a partir do que se efetiva nos romances *Trilogia suja de Havana* e *O rei de Havana*, que tematizam não somente os efeitos da crise que se abate sobre a ilha, com o fim da União Soviética, como também as contradições do sistema em vista da precariedade do acesso aos bens de consumo básicos e da falta de liberdade de expressão. Desse modo, a crítica ao regime faz de sua obra um libelo em defesa de direitos que se confrontam com o sistema e suas mazelas mais recônditas. Dono de uma verve poderosa, sua narrativa caminha na direção de uma postura que referencia o lugar da pobreza diante de um regime que, segundo seu relato, concorre para que se mantenham privilégios de classe, contrariando a ideia de uma sociedade que busca abolir as diferenças sociais. A natureza hedonista de quem nunca se adaptou às mudanças impostas pelo socialismo faz do escritor uma espécie de Charles Bukowski, a partir de uma posição que se mantém distante de acreditar nos proveitos do socialismo. Daí o jovem sequioso por sensações colocar-se como personagem em *Fabián e o caos*, romance que aborda sua condição de dissidente do regime que o conduz ao trabalho em uma fábrica de conservas enlatadas onde reencontra Fabián, um homossexual tímido e recluso que, por motivos opostos aos seus, também se constitui em exceção ideológica.

Nesse contexto, Pedro Juan e Fabián situam-se em pontos isolados que têm em comum o fato de se dissociarem do *ethos* revolucionário, na medida em que discrepam dos objetivos que deles requerem uma cota de sacrifício para a qual não se sentem capacitados a cumprir, por conta do espírito refratário que os impossibilita de servir ao socialismo. Assim, Fabián, filho

temporão de Felipe e Lucía, um casal de imigrantes espanhóis, cresce em meio à rejeição do pai, comerciante que se dedica a juntar dinheiro com um estoicismo que o faz acreditar que o filho, concebido na maturidade, represente um gasto para o qual não se preparara. No entanto, todo o esforço no sentido de acumular riquezas acaba em vão, com a eclosão do movimento revolucionário que passa a confiscar bens privados, começando por estatizar os bancos e as petrolíferas norte-americanas, para em seguida expropriar os pequenos e médios empresários, até chegar à camisaria e à importadora de alimentos de Dom Felipe Cugat, nacionalizadas em nome do socialismo que passa a vigor em Cuba. A mudança completa nos termos de uma sociedade onde a livre iniciativa até então predominara, a partir uma política de privilégios às grandes empresas multinacionais, desmorona, tendo em vista a queda de Fulgencio Batista e a ascensão de Fidel Castro.

Por sua vez, Pedro Juan segue na direção contrária às convenções, buscando exercer a liberdade que lhe determina o comportamento, ao ter como inimigos a família, o governo e a religião. Diante da cruzada moralista que tem efeito, as brigas de galos, as corridas de cavalos, os jogos de azar e a prostituição sofrem um duro golpe, aliando-se a isso a Lei Seca que fecha bares e coíbe a produção de rum, cerveja e cigarros. Decorre daí o recrudescimento do sistema, em vista do bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos e da mudança completa na ordem do consumo, que passa a relacionar-se à importação oriunda dos países do Leste Europeu. Por conseguinte, os produtos culturais em desacordo com a ideologia socialista, a exemplo do *rock* e do *jazz*, incluindo-se Elvis Presley e Os Beatles, são sumariamente banidos, além do fato de que se busca a correção moral

dos indivíduos com desvios ideológicos. Ao serem recrutados a defender o espaço do colégio, montando guarda contra a ameaça de invasão norte-americana, Pedro Juan e Fabián pela primeira vez se aproximam, em que pese a extrema diferença que separa a personalidade agressiva e irrequieta de um da timidez e da fragilidade do outro, irmanados a partir das formas da exclusão que os atinge.

Em seguida, a inadaptação de Fabián ao conjunto de música cubana, de que passa a tomar parte, por insistência de Papito, mesmo que lhe propicie ganhar algum dinheiro, lhe violenta o espírito de artista refinado. As rumbas, boleros e guarachas que interpreta ao piano, nos *nightclubs* do Varadero, nada têm a ver com o cotidiano de semirreclusão do aluno do conservatório de música e seus estudos de Wagner, Mahler, Debussy e Beethoven. No entanto, o contato com *dancings* escuros e enfumaçados, em vias de serem fechados pelo governo, lhe possibilita conhecer Roberto, um jovem jardineiro do hotel onde se hospeda com os demais músicos. O relacionamento se mantém por algum tempo, a partir de encontros em casarões abandonados na praia do Varadero, até que, descobertos pela polícia, são detidos e levados a uma delegacia. Em liberdade, Fabián recorre a uma antiga professora de inglês que, sendo também advogada, usa seus contatos para livrá-lo do julgamento público e da prisão em Agüica, onde a dureza do trabalho em uma indústria de pré-moldados serve para regenerar os desvios ideológicos de vagabundos, homossexuais e religiosos. As aulas no conservatório de música são retomadas, mas o relacionamento com Roberto chega ao fim, assim como o conjunto musical, quando Papito, seu *band-leader*, depois de juntar algum dinheiro, foge com a família para Miami.

Pedro Juan segue seu caminho de jovem dissidente e coloca-se como um pária do regime. O relacionamento com Regina se dá pela possibilidade de satisfação sexual e termina quando lhe é exigida uma posição frente à formação de uma família, a que se nega com veemência. Em seguida, o relacionamento com Haymé recai no lugar-comum de rum, cerveja e sexo até a exaustão. Do mesmo modo, chega ao fim quando Haymé lhe propõe casar e ter filhos, devendo ele trabalhar como motorista de ônibus ou em uma fábrica de refrigerantes. Diante disso, Pedro Juan reafirma sua postura de insubmissão, depois de ter prestado o serviço militar, ao considerar a caserna como casa de correção. A rigidez do serviço militar faz dele alguém sempre disposto ao confronto, como uma cascavel em seu ninho, prestes a atacar. Em vista de sua condição de inadaptado, é convocado a trabalhar na construção de uma fábrica de conservas enlatadas, onde se depara com a imundície de porcos abatidos, sangue, urina e fezes, bem como a imundície moral dos dirigentes que desviam material e verbas do governo, em meio a ratos e sexo promíscuo.

A brutalidade prossegue no ambiente da fábrica, onde Pedro Juan recebe a tarefa de cobrir de azulejos as paredes da cozinha, quando Fabián lhe aparece depois de vários anos. Despreparado para o serviço, queima-se diante do fogão, por falta total de aptidão. O músico explica a Pedro Juan que aquilo se devia ao fato dele não cumprir os parâmetros para trabalhar com cultura, e que por isso encontrava-se nessa função, tendo sido desligado do conservatório de música e da companhia de ópera. O afastamento devia-se, no entanto, a sua condição de homossexual, o que se constituía em desvio ideológico grave. Na fábrica, diante de um caldeirão fervente, de onde retira

a gordura dos porcos, o pianista clássico é o retrato da infelicidade que atinge os mais sensíveis, colocados à margem como escória do socialismo. Pedro Juan, por sua vez, parece conseguir transitar pelos meandros da violência, da escassez e da censura impostas, a partir de uma capacidade de sobrevivência que se coaduna ao apetite sexual como necessidade de fruição de um momento de cada vez. O sentido de liberdade de que se alimenta não o faz transigir em favor do regime que considera autoritário, na medida em que busca reduzir todos à condição de proletários.

A fábrica passa a ser um suplício para Fabián, que é transferido para o setor reponsável por cortar em pedaços a carne destinada ao consumo. O trabalho aviltante o faz sentir-se ridículo, sobretudo em função da convivência com uma gente bruta e ignorante que busca anestesiarse sob o efeito do álcool. De volta a sua casa, depara-se com a enfermidade e a velhice dos pais, por quem passa a devotar enorme desprezo, diante da ruína do sobrado que já fora um símbolo de opulência. O piano não toca mais e Fabián limita-se ao trabalho diário de cortar carne de porco. Na fábrica, atura o desrespeito dos que sorriem da miséria e levam pedaços de carne escondidos na roupa como compensação às agruras regime opressor. Resta-lhe apenas entregar-se, em um banheiro nauseabundo, a Antonio, um operário que o possui com violência e sadismo. Sem ânimo para seguir em frente, assiste a morte dos pais e recebe a notícia da morte de Manolo Albán, tenor do teatro de ópera. Deixa de ir à fábrica e passa os dias trancado, sem atender ao pedido de Pedro Juan para sair de casa, até que seu corpo é encontrado em estado avançado de decomposição.